

# *Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo*<sup>1</sup>

Marina Gusmão de Mendonça<sup>2</sup>

A obra de Josué de Castro, tão esquecida pelos historiadores, mostra-se extremamente atual, principalmente considerando-se que, de acordo com os recentes relatórios da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)<sup>3</sup>, tem aumentado, nos últimos anos, o número de pessoas que padecem daquilo que a Organização das Nações Unidas (ONU) classifica como “insegurança alimentar”<sup>4</sup>, ou seja, uma situação em que mais de um bilhão de indivíduos ao redor do planeta não encontram meios para garantir uma alimentação regular, tanto quantitativa como qualitativamente.

---

<sup>1</sup> Texto preparado para o XXVI Simpósio Nacional de História, promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH), em São Paulo (SP), entre 17 e 22/7/2011.

<sup>2</sup> Bacharel em História e em Direito pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre e Doutora em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Marília; Professora Titular licenciada de Formação Econômica do Brasil e Formação Econômica da América Latina da Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP); autora de *Progresso e Autoritarismo no Brasil* (Pensieri, 1992), *O Demolidor de Presidentes* (Códex, 2002), *Histórias da África* (LCTE, 2008), e *Formação Econômica do Brasil* (Thomson, 2002), este último em colaboração com o Prof. Dr. Marcos Cordeiro Pires; atualmente, desenvolve a pesquisa “Trajetória Intelectual de Josué de Castro – 1930/1968”, no Programa de Pós-Doutorado da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Marília, sob a supervisão do Prof. Dr. Tullo Vigevani (Endereço eletrônico: marinamendonca@uol.com.br).

<sup>3</sup> Vejam-se: DEPÓSITO DE DOCUMENTOS DE LA FAO. *El estado de la inseguridad alimentaria en el mundo (2008): los precios elevados de los alimentos y la inseguridad alimentaria: amenazas y oportunidades* (em: <http://www.fao.org/docrep/011/i0291s/i02991s00htm> - visitado em: 19/12/2008); *El estado mundial de la agricultura y la alimentación: la ganadería, a examen (2009)* (em: <http://www.fao.org.br/download/0680s.pdf> - visitado em: 17/12/2010); e *The state of food insecurity in the world (2010)* (em: <http://www.fao.org/docrep/013/i1683e00.pdf> - visitado em: 16/3/2011).

<sup>4</sup> É preciso assinalar que, no relatório de 2010, a FAO indica uma pequeníssima redução do número de pessoas em estado de insegurança alimentar, em virtude da ainda frágil recuperação da economia mundial depois da recessão de 2009 (veja-se: DEPÓSITO DE DOCUMENTOS DE LA FAO *The state of food insecurity in the world*, 2010, op. cit.). Porém, o noticiário nestes primeiros meses de 2011 dá conta de um novo aumento dos preços dos alimentos, o que, certamente, contribuirá para a elevação do número de pessoas em estado de insegurança alimentar.

Evidentemente, o problema se agravou sobremaneira a partir de 2007, quando os primeiros sinais da crise econômica, que eclodiu em setembro de 2008, eliminou milhões de postos de trabalho no mundo todo, ao mesmo tempo em que se assiste ao aumento vertiginoso dos preços dos alimentos, gerando uma situação de crescente instabilidade, de que são exemplos marcantes os recentes conflitos políticos no norte da África e no Oriente Médio. Aliás, uma demonstração inequívoca da gravidade do problema é o fato de o índice de preços dos produtos alimentícios elaborado pela ONU, em fevereiro de 2011, ter aumentado pelo oitavo mês consecutivo, elevando-se para o maior nível desde 1990<sup>5</sup>. A esse respeito, as recentes declarações de Jacques Diouf, diretor-geral da FAO, são bastante pessimistas. Segundo ele, “*a alta dos preços aumenta as preocupações e estamos reduzindo rapidamente os estoques. Durante anos temos alertado que é preciso maior produtividade e investimento em agricultura*”<sup>6</sup>.

Essa situação constitui um terreno fértil para a retomada de soluções fáceis (e desumanas) para o problema, consubstanciadas no ideário dos neomalthusianos<sup>7</sup>, que preconizam a necessidade de redução da população mundial para que se garanta o abastecimento de alimentos.

### **O ideário neomalthusiano**

Como se sabe, a obra de Thomas Robert Malthus (1766/1834), *Ensaio sobre a população*<sup>8</sup>, publicada primeiramente em 1798, e consolidada em 1803, constituiu a base de todos os estudos demográficos posteriores. Para Malthus, haveria

---

<sup>5</sup> Veja-se: FAO alerta para risco de nova crise mundial alimentar (em: <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2011/03/14/entrevista-fao-alerta-para-risco-de-nova-crise-mundial-alimentar.jhtm> - visitado em: 14/3/2011).

<sup>6</sup> Idem, ibidem.

<sup>7</sup> A respeito do neomalthusianismo, vejam-se: CARRASCO, Lorenzo, org. *Máfia verde*. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2008; HOGAN, Daniel Joseph. Crescimento populacional e desenvolvimento sustentável. *Lua Nova*. São Paulo, nº 31, dezembro/1993; RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *População e meio ambiente: uma análise das abordagens malthusiana, marxiana e cornucopiana* (em: [http://www.cidehus.uevora.pt/investigacao/progcien/liv/13/ics/capitulos/autores/textos/demografia/malthus\\_marx\\_boserup\\_txtfx.htm](http://www.cidehus.uevora.pt/investigacao/progcien/liv/13/ics/capitulos/autores/textos/demografia/malthus_marx_boserup_txtfx.htm) - acesso em: 14/3/2011); MOSER. *Política demográfica: aspectos éticos* (em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index/php/revista-bioetica/article/viewArticle/415> - acesso em 14/3/2011)

<sup>8</sup> Veja-se: MALTHUS, Thomas Robert. Ensaio sobre a população In: *Os economistas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

uma total incompatibilidade entre a capacidade de reprodução humana e a possibilidade de produção dos meios de subsistência, uma vez que a população, quando não controlada, tende a crescer em progressão geométrica, enquanto os meios de subsistência aumentam em progressão aritmética<sup>9</sup>.

Malthus afirmava que, até aquele momento, o desastre havia sido evitado por fatores repressivos e preventivos, os quais refrearam o crescimento indefinido da população humana. Para ele, os elementos repressivos, tais como as epidemias, as doenças causadas pela fome, as guerras e a insuficiência de certos fatores de produção, especialmente a terra, tendem a aumentar a mortalidade, reduzindo, portanto, o contingente populacional. Já os preventivos são de ordem moral, decorrentes da utilização voluntária de meios de controle da natalidade, e devem ser incentivados. Assim, um homem só deve constituir família quando dispõe de meios suficientes para seu sustento. Caso contrário, tem de optar pelo celibato e pela castidade<sup>10</sup>.

Dessa forma, Malthus refutava qualquer intervenção do Estado no sentido de amenizar a miséria de grandes contingentes populacionais por intermédio de auxílio material a indivíduos incapazes de prover o próprio sustento e o de sua família. Aceitava apenas que o Estado criasse instrumentos para ampliar a oferta dos meios de subsistência<sup>11</sup>.

Contudo, como salientou Paul Hugon, tão logo foi divulgada a obra de Malthus, surgiram, em diversos países, os pensadores neomalthusianos, que

*“dela se apossaram, transformaram-na, deformaram-na. Serviram-se da idéia de coibição voluntária, não mais com objetivos econômicos, mas político-sociais e, para pôr em prática essa idéia, não se limitaram a preconizar (...) a adoção da coibição moral como meio único”*<sup>12</sup>.

De fato, para os neomalthusianos, era necessário um controle rígido da natalidade, uma vez que: a) o número de consumidores tende a aumentar em proporção superior ao produto nacional, o que leva ao empobrecimento geral da população; b) a relação entre o contingente economicamente ativo e a população global tende a ser

---

<sup>9</sup> Idem, p. 246.

<sup>10</sup> Idem, pp. 261-265.

<sup>11</sup> Idem, pp. 267-275.

<sup>12</sup> HUGON, Paul. *História das doutrinas econômicas*. São Paulo: Atlas, 1969, p. 113.

desfavorável; c) o aumento da população leva à necessidade de ampliação do fator trabalho em detrimento da formação de capital; d) o crescimento contínuo da população provoca destruição do meio ambiente e o esgotamento de recursos não renováveis<sup>13</sup>. Como se vê, das preocupações dos neomalthusianos não constava qualquer perspectiva de alteração da realidade, isto é, de modificação das estruturas econômicas e sociais ou das relações entre países ricos e pobres.

Essas idéias tomaram um grande impulso logo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, por meio da publicação, em 1948, do livro *O caminho da sobrevivência*<sup>14</sup>, de autoria do ecologista e ornitólogo norte-americano William Vogt (1902-1968), e que se tornou a bíblia dos neomalthusianos.

Para Vogt, o único fator de produção que realmente gera riqueza é a terra, e ela estava se tornando perigosamente escassa para alimentar uma população cada vez maior. Segundo ele, a natureza dotou os Estados Unidos de grandes recursos naturais, que deveriam ser preservados para manter o estilo e o padrão de vida norte-americanos. Todavia, esse estilo e esse padrão não poderiam ser estendidos ao restante da humanidade. Assim,

*“quando o agricultor é suficientemente hábil para dirigir bem a sua terra, e pode produzir para as suas necessidades e desejos sem diminuir a capacidade produtiva (...) a economia mantém-se equilibrada. Quando, porém, devido ao solo pobre ou a métodos agrícolas inadequados, o fazendeiro só pode manter o seu trator, o seu automóvel, o seu quarto de banho e o seu rádio, minando a terra, é difícil defender o seu direito ao chamado padrão de vida americano”*<sup>15</sup>.

Dessa forma, e supostamente preocupado com a preservação do meio ambiente para garantir a sobrevivência de gerações futuras, Vogt defendia a manutenção de grandes áreas intocadas. Além disso, manifestava-se radicalmente contra a adoção de medidas sanitárias preventivas que eliminassem os riscos de doenças em certas zonas do mundo, ou de técnicas que tornassem aquelas terras agricultáveis. De fato, para ele,

---

<sup>13</sup> Veja-se: SANDRONI, Paulo, org. *Dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, s.d., pp. 214-215.

<sup>14</sup> Veja-se: VOGT, William. *O caminho da sobrevivência*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951. Ressalte-se que o livro rapidamente se tornou um *best-seller*, escolhido como “Livro do Mês” pelo *Clube do Livro*, e selecionado pelo *Reader’s Digest* (veja-se: CASTRO, Josué de. Malthus e o caminho da perdição In: *Ensaio de biologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 129).

<sup>15</sup> VOGT, William, 1951, op. cit., p. 62.

*“os insetos portadores de enfermidades humanas transformam grandes áreas do globo em terras que ficam à margem da atividade do homem. Tal infortúnio não é, todavia, tão importante como tem sido sugerido pelos que propõem o controle da malária. Em muitas áreas, a malária é, realmente, uma benção disfarçada, já que uma grande proporção das zonas contaminadas não pode ser aproveitada, tendo a doença, desse modo, impedido que o homem destruísse tais terras”.*

E acrescentava:

*“em certas áreas da África, onde o mosquito tsé-tsé foi localmente dominado, as populações nativas devastaram as terras anteriormente despovoadas, tendo, em poucos anos, destruído virtualmente sua capacidade de produção (...). Neste caso, o mosquito tsé-tsé, em lugar de constituir um fator de limitação para o homem, foi, verdadeiramente, um protetor de importantes recursos naturais”<sup>16</sup>.*

Como se vê, Vogt combatia a adoção de medidas sanitárias que pudessem salvar vidas e amenizar os sofrimentos de grandes contingentes humanos. O que ele não dizia explicitamente é que este combate era dirigido principalmente contra populações de regiões muito pobres, ou seja, de países do chamado Terceiro Mundo, assim como não mencionava a quem beneficiaria a preservação de *“importantes recursos naturais”*.

Mas ele iria mais longe, chegando a negar que fossem utilizados os conhecimentos médicos para salvar populações pobres, que deviam ser deixadas para morrer à míngua. Senão, vejamos:

*“A profissão médica moderna, ainda estabelecendo a sua ética de acordo com as dúvidas afirmativas de um homem ignorante que viveu há mais de dois mil anos<sup>17</sup> (...) continua a acreditar ser seu dever conservar vivo o maior número possível de indivíduos. Em muitos lugares do mundo, os médicos aplicam a sua inteligência a um aspecto do bem-estar do homem – a sobrevivência – e negam o seu direito moral de aplicá-la ao problema considerado em seu todo. Mediante assistência médica e melhoria das condições sanitárias, são responsáveis pelo fato de milhões de pessoas viverem mais tempo em crescente miséria”<sup>18</sup>.*

---

<sup>16</sup> Idem, p. 47.

<sup>17</sup> Obviamente, Vogt se refere ao pai da Medicina, o grego Hipócrates. (+/- 460-377 a.C.)

<sup>18</sup> VOGT, William, 1951, op. cit., p. 67.

Em outro trecho, defendia simplesmente a eliminação dos pobres, como se pode ver a seguir:

*“Até mais ou menos a época da Revolução Industrial, era impossível o transporte de víveres em grande escala, sendo quase nulas as facilidades de armazenamento. Quando as colheitas fracassavam, o povo morria. Quando o povo aumentava, ultrapassando a capacidade da terra que devia alimentá-lo, raramente havia outra saída senão a morte. A Grécia antiga constitui exceção. A sabedoria do seu povo encontrou uma expressão que é raramente comentada; conscientes da ameaça constante de excesso de população, reduziam propositadamente tal perigo por meio da prostituição, do infanticídio, da emigração e da colonização. Para muitos, é repugnante a ética de algumas dessas medidas; prefeririam a miséria e a morte pela fome, em massa. Na maior parte do mundo ‘civilizado’, o povo apenas morre por falta de alimento”<sup>19</sup>.*

Porém, é preciso assinalar que a única e exclusiva preocupação de Vogt era com a manutenção do estilo de vida norte-americano. Assim, os Estados Unidos deveriam se recusar a fazer comércio com qualquer região do mundo que não se mostrasse capaz de se manter segundo seus próprios recursos. E mais: as áreas que possuíam esses recursos deveriam ser preservadas exclusivamente em benefício dos americanos. De fato, para ele,

*“é difícil de se ver a razão pela qual os Estados Unidos devessem, por exemplo subsidiar a descontrolada proliferação da Índia, da China e de outros países, adquirindo os seus produtos. Enquanto não adotarem uma política racional quanto à sua população, essas nações (...) não têm o direito de esperar auxílio do resto do mundo. O mesmo poderia ser dito das nações altamente industrializadas da Europa. As suas indústrias, que lhes tornaram possível, através de centenas de anos, valer-se de terras de outros países, não passaram de um expediente de ocasião, de um meio de adiar o dia da prestação de contas”<sup>20</sup>.*

Ou seja: a obra de Vogt não constitui apenas uma apologia do modo de vida norte-americano, mas é também uma defesa incontestada do racismo, do imperialismo e do expansionismo dos Estados Unidos. Para tanto, ele não hesitava em

---

<sup>19</sup> Idem, p. 78.

<sup>20</sup> Idem, p. 98.

combater o próprio imperialismo europeu e se mostrava totalmente contrário à adoção do Plano Marshall.

### **O combate de Josué de Castro ao neomalthusianismo**

Tão logo foi publicada, a obra de Vogt obteve enorme aceitação, e constituiu o fundamento para a retomada do neomalthusianismo nas décadas de 1950-1960. Contudo, Josué de Castro, então já conhecido no mundo todo, imediatamente se insurgiu contra as propostas contidas no livro, denunciando-as como fórmulas racistas para eliminar um problema que, segundo ele, era de caráter histórico, social e econômico.

Com efeito, em sua obra *Geopolítica da Fome*<sup>21</sup> publicada primeiramente em 1949, e com uma edição definitiva em 1951, Josué de Castro atacava frontalmente o livro de Vogt, por ele denominado “O Caminho da Perdição”<sup>22</sup>. Iniciando com uma contundente crítica à obra de Malthus, citava nominalmente William Vogt, a quem chamava, ironicamente, “*porta-bandeira do neomalthusianismo*”<sup>23</sup>.

Valendo-se de seus vastos conhecimentos de História, Geografia e Demografia, além de obras de reconhecidos cientistas, Josué de Castro afirmava que

*“a própria História desmentiu inteiramente a previsão de Malthus. Nos primeiros anos que se seguiram à publicação de suas teorias, o crescimento das populações do mundo parecia confirmar suas previsões. Mas, antes do fim do século, já esse crescimento retardava o seu ritmo inicial. Começou a baixar a natalidade das populações de vários países, surgindo, ao lado do perigo da superpopulação, o perigo da subpopulação”*<sup>24</sup>.

Segundo Josué de Castro, a argumentação de Vogt, além de parcial, era falsa, pois deturpava e invertia dados científicos. É o que se pode ver do comentário a seguir:

---

<sup>21</sup> Veja-se: CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1957, 2 v.

<sup>22</sup> Veja-se: CASTRO, Josué de. Malthus e o caminho da perdição In: *Ensaio de biologia social*, 1968, op. cit., p. 127.

<sup>23</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*, 1957, op. cit., v. 1, p. 67.

<sup>24</sup> Idem, p. 65.

*“Quando trata, por exemplo, dos problemas da América Latina, Vogt afirma que a existência da fome nesta área resulta do seu superpovoamento (...). Não há nada mais longe da verdade. A América Latina tem uma densidade demográfica das mais baixas do mundo, só ultrapassada em sua rareza pela África e a Austrália (...) Suas zonas de população mais densas, limitam-se a pequenos núcleos perdidos e isolados em sua despovoada imensidão. (...) É um conterrâneo de Vogt, o demógrafo Kingsley Davis, quem afirma com toda a sua indiscutível autoridade de especialista que a América Latina, sob o ponto de vista demográfico, constitui uma das regiões privilegiadas do mundo, dispondo de grandes potenciais em reserva, para a futura expansão de suas populações”<sup>25</sup>.*

Josué de Castro atribuía a retomada das idéias de Malthus ao fato de existirem, no pós-guerra, condições de receptividade coletiva muito semelhantes às do início do século XIX. Segundo ele, *“viveu o economista inglês numa fase revolucionária – a era da revolução industrial – e, portanto, numa fase de inquietação e de incerteza do futuro, fenômeno que se repete ainda em maior escala na revolução social dos nossos dias”<sup>26</sup>.*

Evidentemente, o autor se referia às revoluções no Leste Europeu, à Revolução Chinesa e às lutas de independência nas colônias asiáticas e africanas. Nesse sentido, atribuía claramente as causas desses movimentos revolucionários à fome e à miséria dos países subdesenvolvidos, os quais sempre haviam sido explorados pelo colonialismo e pelo imperialismo. Conforme se manifestou em 1955,

*“(...) os povos chamados subdesenvolvidos já se aperceberam da profunda contradição que existe entre os preceitos morais de igualdade, fraternidade e humanitarismo pregados e defendidos pelos teorizantes da civilização ocidental e a crua e cínica disputa pelo lucro a que se entregam os grupos mercantilistas dominantes nos países bem desenvolvidos e industrializados do mundo. Daí sua suspeita e sua hostilidade ao colonialismo e ao imperialismo do branco (...). E o que é mais grave, numa fase da história do mundo em que a técnica e a ciência prometeram um reino de felicidade e de abundância, através da utilização racional dos recursos naturais. Mas (...) nossa civilização mecanicista depois de saquear o mundo de tal forma que já reconhece oficialmente que estão a esgotar-se as riquezas fundamentais do planeta, agora*

---

<sup>25</sup> CASTRO, Josué de. Malthus e o caminho da perdição In: *Ensaio de biologia social*, 1968, op. cit., pp. 128-129.

<sup>26</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*, 1957, op. cit., v. 1, p. 66.



*confessa sua bancarrota e aconselha os povos marginais a restringir sua natalidade a fim de que sejam poupados os restos do assalto em benefício dos atuais grupos privilegiados. (...) Não se pode deixar de compreender a justa revolta dos povos mais pobres (...). Primeiro, porque não pode interessar a estes povos miseráveis, a manutenção de um status quo no qual sua participação no banquete da terra foi sempre reduzida a algumas migalhas jogadas, de quando em vez, da farta mesa dos ricos. Segundo, por não lhes parecer razoável procurar restabelecer o equilíbrio exatamente à custa (...) daqueles que até hoje mais sofreram as conseqüências desse desequilíbrio. Terceiro, porque sendo o desequilíbrio uma conseqüência social dos defeitos e erros das conjunturas econômicas vigentes, impostas pelas grandes potências que até hoje exploraram economicamente o mundo, cabe a estes mentores da economia mundial encontrar uma salvação para a crise e não transferir o encargo para os povos até hoje dominados pela força econômica dessas grandes potências”<sup>27</sup>.*

Dessa forma, atacava violentamente William Vogt e seus seguidores:

*“os neomalthusianos, ao afirmarem que o mundo vive faminto e está condenado a perecer numa epidemia total de fome porque os homens não controlam de maneira adequada os nascimentos de novos seres humanos, não fazem mais do que atribuir a culpa da fome aos próprios famintos. Aumentando a pressão demográfica do mundo, mercê do seu delírio reprodutivo, esses povos famintos não passam, a seu ver, de povos criminosos, criminosos culpados desse feio e tremendo crime de passar fome. A teoria neomalthusiana é, em última análise, uma teoria do faminto-nato. O faminto passa fome porque é faminto-nato, como o criminoso da antiga teoria lombrosiana mata e rouba por ser criminoso-nato. Como os criminosos-natos, merecem os famintos um castigo exemplar e, por isto, os neomalthusianos os condenam ao extermínio, individualmente, levando-os a morrer de inanição, e coletivamente, controlando-lhes os nascimentos, até que desapareça do mundo a raça dos famintos-natos, desses criminosos-natos, culpados do crime masoquista de criar a fome e sofrer suas conseqüências ...”<sup>28</sup>*

Quanto ao sucesso da obra de Vogt nos Estados Unidos, atribuiu-o ao fato de que o livro abordava

*“um problema que o povo norte-americano não conhece diretamente em sua negra realidade – o problema da fome.*

<sup>27</sup> CASTRO, Josué de. Crise social e desenvolvimento econômico do mundo In: *Ensaio de biologia social*, 1968, op. cit., pp. 157-158.

<sup>28</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*, 1957, op. cit., v. 1, pp. 66-67.

*Vivendo num regime de relativa abundância, este povo está bem longe de conceber o que significa socialmente o terrível fenômeno da fome coletiva (...). É que, apesar do tremendo esforço de guerra (...) e do sensível aumento do custo de vida no após-guerra, o povo norte-americano continua a ser o mais bem alimentado do mundo. (...) A noção corrente que se tem de fome nos Estados Unidos é, pois, uma noção bastante incompleta. E este desconhecimento por parte do povo norte-americano da realidade social da fome no mundo e dos perigos que este fenômeno representa para a sua estabilidade social constitui mesmo uma grave falha, tanto no seu julgamento de fatos políticos que se passam em várias regiões da terra, como na atitude que deve manter este país de abundância em face de outros países acossados permanentemente pela penúria e pela miséria alimentar”<sup>29</sup>.*

Porém, mais do que desmontar os argumentos de Vogt e de seus seguidores neomalthusianos, Josué de Castro apresentava soluções para o problema. Para ele, era necessário aumentar a produtividade por meio do uso de novas técnicas agrícolas, combater a estrutura fundiária que, na maioria dos países, criava empecilhos à ampliação da produção de alimentos, e alterar o sistema econômico e as regras do comércio mundial, que impediam o acesso de milhões de pessoas à comida<sup>30</sup>. Para Josué de Castro,

*“não estamos diante de uma moléstia a ser combatida isoladamente pela ação fulminante de um remédio específico. Não existe um remédio específico para a fome. O que existe são catalisadores capazes de apressar as reações sociais que conduzirão o organismo social à depuração desta impureza: e não se pense que julgamos possível resolver o problema da fome universal apenas com a criação de um organismo especializado que viria, num passe de mágica, apagar da fisionomia da nossa civilização este traço negro. Não somos tão ingênuos nem tão otimistas. Sabemos que estão bem fincadas, nas estruturas econômicas do mundo, as raízes desse problema, que só poderá ser extirpado revolvendo-se profundamente, resíduos dos tempos do feudalismo e da escravidão”<sup>31</sup>.*

---

<sup>29</sup> CASTRO, Josué de. Malthus e o caminho da perdição In: *Ensaio de biologia social*, 1968, op. cit., pp. 129-130.

<sup>30</sup> Vejam-se: CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*, 1957, op. cit., *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; *O livro negro da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1968. Veja-se também o livro publicado pela Associação Mundial de Combate à Fome (ASCOFAM), em homenagem ao cinqüentenário de Josué de Castro: SECRETARIA GERAL DA ASCOFAM, Seção Brasileira, org. *O drama universal da fome: depoimentos*. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958.

<sup>31</sup> CASTRO, Josué de apud CASTRO, Ana Maria de. Notas sobre os textos inéditos de Josué de Castro In: ANDRADE, Manuel Correia de et al. *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu

Tendo em vista essas questões, Josué de Castro preconizava a necessidade de se promover o desenvolvimento econômico para combater a fome, enfatizando que isso dependia de mudanças profundas no sistema econômico mundial. De fato, para ele,

*“embora o desenvolvimento econômico de cada país deva constituir uma responsabilidade nacional é evidente que sem uma ampla cooperação internacional é muito difícil que este desenvolvimento se processe em ritmo desejável nos países pouco desenvolvidos, de forma a reservar o equilíbrio político e social do mundo. (...) O desenvolvimento das regiões subdesenvolvidas não se pode fazer sem a base de um fluxo intenso de capitais tanto públicos como privados, oriundos das zonas mais ricas do mundo”*<sup>32</sup>.

É interessante notar a atualidade destas palavras, pois a mesma posição está explícita no informe da FAO de 2008, segundo o qual

*“nenhum país ou instituição será capaz de resolver por sua própria conta a crise atual. Os governos, tanto dos países desenvolvidos como daqueles em desenvolvimento, os organismos das Nações Unidas, as instituições internacionais, a sociedade civil e o setor privado têm que desempenhar funções importantes na luta mundial contra a fome”*<sup>33</sup>.

No que diz respeito à urgência da adoção de políticas que facilitem a distribuição de alimentos e a redução dos preços, assim se manifestou Josué de Castro:

*“a verdade é que não basta produzir alimentos lançando mão de todas as técnicas disponíveis; é preciso que esses alimentos possam ser adquiridos e consumidos pelos grupos humanos que deles necessitam, isso porque, se não se proceder à adequada distribuição e expansão dos correspondentes níveis de consumo, logo se formarão os excedentes agrícolas, criando-se o grave problema da superprodução ao lado do subconsumo. Daí a necessidade de que a política de alimentação cuide tanto da produção quanto da distribuição adequada dos produtos*

---

Abramo, 2003, p. 115.

<sup>32</sup> CASTRO, Josué de. *O livro negro da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1968, pp. 58-59.

<sup>33</sup> DEPÓSITO DE DOCUMENTOS DE LA FAO. *El estado de la inseguridad alimentaria en el mundo*, 2008, op. cit., p. 5 (tradução nossa – MGM).

*alimentares, e daí a necessidade de que esta política seja planejada em escala mundial”<sup>34</sup>.*

Da mesma forma, o relatório da FAO de 2008 adverte claramente para a necessidade de desenvolvimento de infra-estrutura em regiões pobres, de modo a permitir o acesso dos pequenos agricultores às redes de transporte e distribuição. Conforme o relatório:

*“o investimento em infra-estrutura de transporte é fundamental para um desenvolvimento agrícola sustentável. A produção agrícola em pequena escala descentralizada no mundo em desenvolvimento necessita de redes de transporte amplas para melhorar o acesso ao mercado, reduzir os preços dos fertilizantes e incrementar os preços das colheitas para os agricultores. (...) Os serviços de transporte ajudam a melhorar o comércio, o bem-estar e o crescimento agrícolas, e a reduzir a diferença entre os preços dos produtores e consumidores”<sup>35</sup>.*

Finalmente, no que se refere às críticas dos ambientalistas sobre as limitações ao aumento da produtividade para alimentar uma população crescente, é expressivo o comentário de Josué de Castro, pois configura-se como um ataque veemente ao imperialismo e ao neocolonialismo e, indiretamente, ao neomalthusianismo. Assim,

*“considerado globalmente, o meio tanto compreende fatores de ordem física ou material quanto fatores de ordem econômica e cultural. Uma análise correta do meio deve abarcar o impacto total do homem e de sua cultura sobre os elementos restantes do contorno, e o impacto dos fatores ambientais sobre a vida do grupo humano considerado como uma totalidade. Desse ponto de vista o meio abrange aspectos biológicos, fisiológicos, econômicos e culturais, todos combinados na mesma trama de uma dinâmica ecológica em transformação permanente. (...) Atualmente, está na moda falar dos defeitos nocivos que o crescimento econômico produz sobre o meio (...)”<sup>36</sup>; entretanto, costuma-se referir apenas e precisamente aos efeitos que não são os mais ameaçadores para o futuro da humanidade. Ouvem-se gritos de alarme condenando o*

---

<sup>34</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*, 1957, op. cit., v. 2, p. 495.

<sup>35</sup> DEPÓSITO DE DOCUMENTOS DE LA FAO. *El estado de la inseguridad alimentaria en el mundo*, 2008, op. cit., p. 38 (tradução nossa – MGM).

<sup>36</sup> Ainda hoje, a proposta de estancar o crescimento econômico encontra grande receptividade em certos meios ambientalistas. Um de seus grandes defensores é o Príncipe Charles, herdeiro do trono britânico.

*crescimento da população, a poluição do ar, dos rios e dos mares e a degradação do patrimônio animal e vegetal das regiões mais desenvolvidas do mundo; mas tudo isso revela uma visão limitada do problema, já que o clamor se refere aos efeitos da expansão econômica, enquanto deixa na sombra e reduz ao silêncio a insidiosa ação indireta do desenvolvimento sobre a totalidade dos grupos humanos. (...) O primeiro erro grave (...) é a afirmativa generalizada de que nas regiões mais ricas é que apareceram, por causa do crescimento econômico, os primeiros efeitos da poluição e da degradação do meio ambiente. A realidade é diferente: os primeiros e mais graves efeitos do desenvolvimento manifestaram-se precisamente naquelas regiões que estão hoje economicamente subdesenvolvidas e que ontem eram (...) colônias (...)"<sup>37</sup>.*

### **Considerações finais**

Como se vê, passados mais de 60 anos da publicação da *Geopolítica da Fome*, e depois do sucesso da Revolução Verde e da pílula anticoncepcional, o que se tem é a manutenção da fome para mais de um bilhão de pessoas. Diante disso, neomalthusianos de todos os matizes voltam a preconizar a necessidade de controle populacional como fórmula única para a solução do problema. Esquecem-se de que os demais requisitos apontados por Josué de Castro para combater as limitações ao abastecimento de alimentos para toda a população – a reformulação da estrutura fundiária e a mudança nos padrões de produção e de comercialização – não foram sequer tocados. Pelo contrário: o que se verificou a partir da década de 1980, com o triunfo das idéias preconizadas pelo Consenso de Washington, foram uma enorme concentração da terra nas mais diversas partes do planeta e a destinação de grandes parcelas de territórios aráveis à agricultura voltada para a exportação, além de um vertiginoso processo de especulação com os preços dos alimentos e das *commodities* agrícolas.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Manuel Correia de et al. *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

---

<sup>37</sup> CASTRO, Josué de. Subdesenvolvimento: causa primeira da poluição In: *Fome: um tema proibido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 135-137.

- CARRASCO, Lorenzo, org. *Máfia verde*. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2008.
- CASTRO, Josué de. *Ensaio de biologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1957, 2 v.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CASTRO, Josué de. *O livro negro da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- CASTRO, Josué de. *Fome: um tema proibido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DEPÓSITO DE DOCUMENTOS DE LA FAO. *El estado de la inseguridad alimentaria en el mundo (2008): los precios elevados de los alimentos y la inseguridad alimentaria: amenazas y oportunidades* (disponível em: <http://www.fao.org/docrep/011/i02991s00htm> - acesso em: 19/12/2008).
- DEPÓSITO DE DOCUMENTOS DE LA FAO. *El estado mundial de la agricultura y la alimentación: la ganadería, a examen (2009)* (disponível em: <http://www.fao.org.br/download/0680.pdf> - acesso em: 17/12/2010).
- DEPÓSITO DE DOCUMENTOS DE LA FAO. *The state of food insecurity in the world (2010)* (disponível em: <http://www.fao.org/docrep/013/i1683e00.pdf> - acesso em: 16/3/2011).
- FAO alerta para o risco de nova crise mundial alimentar (disponível em: <http://economia.uo.com.br/ultimas-noticias/reuters/2011/03/14/entrevista-fao-alerta-para-risco-de-nova-crise-mundial-alimentar.jhtm> - acesso em: 14/3/2011).
- HOGAN, Daniel Joseph. Crescimento populacional e desenvolvimento sustentável. *Lua Nova*. São Paulo, nº 31, dezembro/1993.
- HUGON, Paul. *História das doutrinas econômicas*. São Paulo: Atlas, 1969.
- MALTHUS, Thomas Robert. Ensaio sobre a população In: *Os economistas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MOSER. *Política demográfica: aspectos éticos* (disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index/php/revista-bioetica/article/viewArticle/415> - acesso em 14/3/2011).
- RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *População e meio ambiente: uma nova análise das abordagens malthusiana, marxiana e cornucopiana* (disponível em: [http://www.cidehus.uevora.pt/investigacao/progciem/liv/13/ics/capitulos/autores/textos/demografia/malthus\\_marx\\_boserup\\_txtfx.htm](http://www.cidehus.uevora.pt/investigacao/progciem/liv/13/ics/capitulos/autores/textos/demografia/malthus_marx_boserup_txtfx.htm) - acesso em 14/3/2011).

SECRETARIA GERAL DA ASCOFAM, Seção Brasileira, org. *O drama universal da fome: depoimentos*. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958.

SANDRONI, Paulo, org. *Dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, s.d.

VOGT, William. *O caminho da sobrevivência*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.